

Versos e Espetáculo do Cordel do Fogo Encantado

SANTOS, Roberto Lopes.
blatoide@bol.com.br

SANTOS, Josane Cristina Batista. (Orientadora)
Graduada em Letras e História, Mestre em Literatura Brasileira, Profª dos Cursos de Letras e História da Universidade Tiradentes - UNIT.

RESUMO

Partindo de uma análise estrutural dos versos e do espetáculo do grupo pernambucano Cordel do Fogo Encantado, este estudo desenvolve uma abordagem da cultura popular a partir dos fenômenos globalizantes que envolvem o meio cultural moderno, salientando um maior entendimento das questões ligadas à evolução das manifestações culturais populares e suas práticas. Situando-as na obra do grupo para estabelecer uma relação entre o tradicional e o contemporâneo, retratando-o na proposta inovadora do espetáculo que une teatro, música e poesia popular. Será feito também um enfoque dos princípios que levam o Cordel do Fogo Encantado a representar a atual conjuntura da cultura popular, dentro de um processo de evolução constituído a partir dos constantes avanços socioculturais.

Palavras chave: cultura popular, cordel, versos, espetáculo.

VERSOS E ESPETÁCULO DO CORDEL DO FOGO ENCANTADO

O tema do presente artigo constitui-se em uma abordagem sobre a condição transitória da criação cultural contemporânea a partir da obra do grupo pernambucano Cordel do Fogo Encantado.

Na elaboração da análise, o grupo artístico será situado dentro do incessante fenômeno globalizante que permeia a modernidade, caracterizando-se, sobretudo, pela massificação dos meios culturais, permitindo assim a transposição das barreiras que se situam entre os conceitos que separam o erudito e o popular, o tradicional e o moderno.

Tais questões exercem preponderante influência na concepção das práticas culturais. Os códigos ligados às identidades, que indicam as origens de determinada manifestação, ramificaram suas origens e é esta a proposta do Cordel do Fogo Encantado. Continuar uma tradição tendo como principal referência a riqueza cultural de determinada região, mas produzindo ao mesmo tempo o novo, que não está ligado a determinismos formadores de questões relacionadas à suplantação das manifestações culturais, sejam elas quais forem.

O grupo surgiu em 1997, em Arcoverde, sertão de Pernambuco. Como um espetáculo cênico, mesclando poesia e música, com influências do samba de coco, do toré indígena da tribo Xucuru, das romarias, das cantorias de viola, do candomblé e das festas do boi que se unem ainda a poesia popular de Chico Pedrosa, Zé da Luz e Manoel Chudu.

Todas essas expressões que alicerçam as apresentações do Cordel estão ligadas às características pessoais dos seus integrantes e é, através destas, que se desenvolvem todos os aspectos de inovação e recriação dentro do espetáculo.

Essa contextura que circunda o processo criativo do grupo é trabalhada de maneira ativa e crescente, produzindo valores estéticos que se apresentam de maneira extremamente particular, comunicando-se com as várias vertentes da produção cultural coetânea, integrando-se ao círculo que acompanha todas as mudanças regidas pelo tempo, quando se formam as modificações deveras determinadas por questões sócio-culturais.

Inovar sem perder as características da tradição, sem criar moldes pré-estabelecidos por regionalismos que promovem a formação de fronteiras culturais. O Cordel do Fogo Encantado posiciona-se acima dessas questões, um tanto desgastadas, para manifestar-se e expressar sua poesia influenciada pela oralidade, na união do verso cantado e das artes miméticas.

Este singular processo criativo do grupo pernambucano, que salienta em sua concepção a unificação de inúmeras expressões culturais, representa o objeto possibilitador das questões argumentativas deste estudo. Que busca traduzir, através da atuação das práticas culturais, manifestadas dentro do espetáculo Cordel do Fogo Encantado os vértices componentes de uma nova estética cultural, que engloba na sua magnitude um campo de ação capaz de envolver, em um único momento, diferentes estruturas.

Formas expressivas da modernidade cultural, criadas dentro de um universo antropofágico, capaz de traduzir para o âmbito do trabalho do Cordel, enquanto manifestante atual que formula sua obra através do viés da cultura popular, questões relacionadas ao desenvolvimento das práticas culturais de gênero popular. Seja pela sua crescente participação em meios que não são característicos as suas origens, ou até mesmo pela ínfima apropriação do estilo.

Reconhecer e situar o produto de tais manifestações dentro desse contexto evolutivo sem que haja deturpação ou esquecimento, partindo das possibilidades de criação

exploradas na formulação da obra cultural moderna, onde o Cordel está presente com toda sua originalidade, com sua lira tirada da terra, que fortalece a voz sertaneja e a propaga por todos os espaços, invocando na sua poesia a tradição do verso popular.

Essa ligação com o tradicional, sempre expressada de maneira inovadora pelo grupo, que busca nas referências do meio cultural popular o seu ponto de partida para encontrar as formas particularizantes do seu espetáculo, envolve questões que permitem fundamentar os preceitos necessários para estabelecer uma visão contemporânea das práticas de cultura popular integrando-as a um contexto sócio-cultural, que permite visionar tais manifestações como formas mutáveis, acompanhantes do desenvolvimento social e cultural em todo o seu exercício.

Assim, não cabe mais analisar as práticas culturais populares como sobrevivências do passado no presente, pois independentemente de suas origens, mais remotas ou mais recentes, mais próximas ou mais distantes geograficamente, elas se reproduzem e atuam como parte de um processo histórico e social que lhes dá sentido no presente, que as transforma e faz com que ganhem novos significados. (AYALA, 2002, p. 52).

Todo esse processo de transformações repercute em sentido transitório, para além do campo das tradições populares e permanece atuante em todos os pontos que tratam da evolução e da difusão presentes em qualquer vertente participante da estrutura cultural contemporânea, sendo esta extremamente evidenciada pela ação globalizante dos seus meios. Segundo Arantes:

A cultura popular está longe de ser um conceito definido, ela remete, na verdade, a um amplo espectro de concepções e pontos de vista que vão desde a negação de que os fatos por ela identificados contenham alguma forma de “saber”, até o extremo de atribuir-lhes o papel de resistência contra a dominação de classes. (1995, p. 9).

A presença da cultura popular brasileira no segmento evolutivo que caracteriza o contemporâneo vem sendo estabelecida há décadas de estudo. A contribuição de grandes pesquisadores como Mário de Andrade e Amadeu Amaral, iniciadas ainda na década de

vinte, possibilitaram a abertura de novas propostas na abordagem do gênero cultural popular, revelando a sua complexidade e a importância na fidelidade do seu registro, desfazendo uma visão superficial e anacrônica, até então predominante.

O atual pluralismo cultural também se contextualiza dentro das bases formuladoras das tradições culturais. Ligadas as manifestações populares, essa identidade passa por um processo de expansão que fundamenta o fenômeno da evolução e é nesse sentido que se torna evidente a necessidade de uma produção com características atuais, sem que, necessariamente, esta tenha que se desligar das suas origens para parecer algo novo.

Em entrevista concedida, no dia vinte de outubro de dois mil e dois a um site especializado em poesia e música, Lirinha, vocalista do Cordel do Fogo Encantado, foi questionado sobre os paradigmas que circundam a situação atual das tradições populares e como a presença dessas tradições era situada dentro do trabalho do grupo, que tem a poesia popular como grande base:

Eu acho que essa poesia continua presente na nossa vida, nas nossas atitudes, na nossa região. Embora hoje, a cada dia que passa, as coisas que acontecem no mundo vão encaminhando toda uma população a um pensamento único. Então, em princípio essas manifestações acabam ficando bastante afastadas dessa minha geração. E eu acho que o Cordel do Fogo Encantado, com sua forma de expressão, traz uma sensação de identificação para essa geração.

Essas relações de identidade existentes entre o grupo e as origens culturais que compõem os elementos participantes do processo criativo da sua obra traduzem os aspectos evolutivos, representam as possibilidades de estar além das conceitualizações, promovendo a progressiva comunhão entre tradição e contemporaneidade.

É com a poesia e a canção que o grupo dá vida ao seu espetáculo. O histórico estreitamento desses gêneros, marcado pela utilização dos mesmos mecanismos, como

ritmo e rima, representa, dentro de uma tradição, aspectos que evidenciam as possibilidades de memorização, devido as suas qualidades repetitivas, que são marcas da oralidade característica do verso popular, grande berço de todas as composições apresentadas durante o show. Momento em que o Cordel expressa a força da palavra, para conceber um espetáculo cênico que utiliza a música como o principal fator, buscando com ela os aspectos universalizantes traduzidos nas letras das canções e na atuação de todo grupo durante as apresentações.

O espetáculo tem seu início com a declamação de um poema que fala sobre a criação divina, sobre como Deus e o homem estão em constante conflito e o desejo humano é expresso para depois ser reprimido pela vontade divina como em uma grande tragédia.

Os Anjos Caídos (ou A Construção do Caos)

Os homens são anjos caídos que Deus mandou para Terra
porque botaram defeito na criação do mundo.
Aqui, começaram a inventar coisas, a imitar Deus.
E Deus ficou zangado, mandou muita chuva e muito fogo,
eu vi de perto a sua raiva sacra,
pois foram sete dias de trabalho intenso,
eu vi de perto, quando chegava uma noite escura
Só meu candeeiro é quem velava o Seu sono santo
(...)

Ao término do poema, ressoam tambores que invocam nos seus batuques elementos sonoros característicos dos rituais místicos, ligados à cultura africana, que atuam de maneira sincrética servindo como pano de fundo para a interpretação dos versos que seguem falando sobre Deus, o homem, a criação do mundo, crença e a sobrevivência humana.

Santo que é Seu nome e Seu sorriso raro
 Eu voava alto porque tinha um grande par de asas
 Até que um dia caí
 E aqui estou nesse terreiro de samba
 Ouvindo o trabalho do Céu
 E aqui estou nesse terreiro de guerra
 Ouvindo o batalha do Céu
 Nesse terreiro de anjos caídos
 Cá na Terra trabalho é todo dia
 Levantar, quebrar parede
 Matar fome, matar a sede
 Carregar na cabeça uma bacia
 E esse fogo que a Sua boca envia
 Pra nossa criação
 Deus
 Esse terreiro de anjos
 Esse errar que é sem fim
 Essa paixão tão gigante
 Esse amor que é só Seu
 Esperando Você chegar
 Os Homens aprenderam com Deus a criar
 e foi com os Homens que Deus aprendeu a amar

O poema traz o primeiro momento do espetáculo, mostrando a construção do mundo e o início de todas as coisas aos olhos do Criador e do homem temente a Deus, que luta por sobrevivência, numa alusão ao sertanejo e seu sofrimento diante da falta da água e do alimento. E a Terra, vista nos versos como um terreiro de samba e de guerra. Traz referências às festas e as manifestações populares, como o samba de coco e outras brincadeiras que recriam em suas práticas representações de batalhas históricas.

E aqui estou nesse terreiro de samba
 Ouvindo o trabalho do Céu
 E aqui estou nesse terreiro de guerra
 Ouvindo o batalha do Céu
 Nesse terreiro de anjos caídos

Cá na Terra trabalho é todo dia
 Levantar, quebrar parede
 Matar fome, matar a sede
 Carregar na cabeça uma bacia
 E esse fogo que a Sua boca envia
 Pra nossa criação

Segue a apresentação dentro da temática da divindade, agora trazendo a figura de Nossa Senhora como santa padroeira e como mulher. Dá-se então início a apresentação que antecipa, em parte, o título do espetáculo que é apresentado na seqüência.

Nossa.SenhoradaPaz

Nossa Senhora da Paz
 A bailarina do circo
 Vem beijar a pele da cidade
 As feridas
 Os jardins
 A pressão
 O motor

Nossa Senhora dos Sonhos
 A trapezista do circo
 Venha descansar na minha cama
 Traga toda luz que há no céu
 Traga toda luz que há no chão
 Leva meu atalho e minha sorte
 No movimento da rua

O mundo agora é um circo e a divindade sempre presente, participa do eterno espetáculo que é a vida, como em uma tragédia. Enfim surge o homem como o grande palhaço desse circo e a apresentação tem seu nome revelado.

Palhaço do Circo sem Futuro (ou A Trajetória da Terra)

Sou palhaço do circo sem futuro um sorriso pintado à noite inteira
 O cinema do fogo numa tarde embalada de poeira
 Circo pegando fogo
 Palhaçada

Sou palhaço do circo sem futuro um sorriso pintado à noite inteira
 O cinema do fogo numa tarde embalada de poeira
 Circo pegando fogo
 Palhaçada

E a lona rasga da no alto
 No globo os artistas da morte
 E essa tragédia que é viver e essa tragédia
 Tanto amor que fere e cansa

O Palhaço do Circo sem Futuro é uma metáfora que, segundo Lirinha, autor do poema, em resposta a uma pergunta feita durante entrevista concedida por ele a um site especializado em poesia e música, mostra o palhaço como o ser atuante desse circo que seria o mundo. Este ser não pára o espetáculo por nenhuma razão, porque precisa sempre entrar em cena; a sua atuação é fundamental para a sustentação do circo, onde o fim na verdade é um recomeço.

Seguem os fundamentos trágicos da apresentação, mostrando o homem comandado por Deus, expressando no verso “sou palhaço do circo sem futuro” uma perspectiva atemporal da situação humana, relacionada ao seu destino, a sua condição diante da vida.

Terminado o momento da apresentação do título do espetáculo é declamado um poema que promove uma espécie de passagem temporal para a apresentação. O mesmo descreve em seus versos a visão de uma tempestade que se aproxima.

Devastação da Calma

As nuvens surgiam densas
 Por todo lado da serra
 Como montanhas suspensas
 Com fímbrias da cor da terra
 A terrível saraivada
 Caía tão arrojada
 Parecia um desespero
 O zigue-zague em seu jogo
 Fingiam cobras de fogo
 Brigando no nevoeiro
 Fortes colunas de vento
 Vinham desequilibradas
 Num grande deslocamento
 Em ondas desencontradas
 As árvores se retorciam
 Línguas de fogo desciam
 Com toda brutalidade
 O globo todo aluía
 Parecendo que fugia
 Aos sopros da tempestade

Inicia-se então um arranjo musical e o poema, agora cantado, versa sobre a chuva e a seca, apresentando um Eu que clama a Deus por ajuda, como em uma prece.

Tempestade (ou A Dança dos Trovões)

Quando o vento bate forte
 Que aspira o ar castigado
 Estremece o pulmão da seca
 Tempestade
 Tempestade
 Pai, estou nessa terra
 Querendo plantar
 Querendo colher
 Homens do ar não descem
 Mulheres do ar não descem
 Crianças do ar
 Velhos do ar

Sempre mandam recado

(é de Relampiê é de Relampiê é de Relampião)

A alma a água o alvo
 Pela variação instintiva
 Para não virar carvão
 Tempestade
 Tempestade
 Pai estou tão sozinho
 Querendo plantar
 Querendo comer
 Homens do ar não descem
 Mulheres do ar não descem
 Crianças do ar
 Velhos do ar
 Sempre mandam recado

(é de Relampiê é de Relampiê é de Relampião)

Se eu pudesse parar os elementos
 Se eu pudesse trazer paz ao mau tempo
 Mas eu não posso
 Não devo
 Não quero
 Tempestade
 Tempestade
 Tempestade

Aproxima-se a partir deste momento o fim do espetáculo, que ainda é complementado com um poema chamado *Salve*, composto por uma poesia extraída das *cantigas de romeiros*, por um fragmento do *Salve Rainha* e por uma antiga quadra feita por autor desconhecido.

Salve

Oh! que caminho tão longe
 Que ninguém se perde nele
 Penando tanto arrudeio
 Por causa das luminária
 Das mães de Deus das Candêa

Salve
 A vós brandamos os degregados filhos de Eva
 A vós suspiramos gemendo e chorando neste vale
 de lágrimas
 Ei-a pois advogada nossa
 Esses vossos olhos
 Misericordiosos
 A nós
 Volvei

Meu São João meu São Joãozinho
 Meu santinho protetor
 Mandai pela voz do vento
 Notícias do meu amor

Anunciam os tambores o fim do espetáculo e, como último ato, o grupo apresenta um poema feito por três poetas populares, respectivamente Manoel Filó, Jô Patriota e Manoel Chudu. O título do poema, *O espetáculo* e a força dos seus versos trazem o grande fechamento da apresentação, afirmando que “O espetáculo não pode parar”.

O espetáculo

Aqui do alto do cruzeiro
 Onde o vento faz a curva pra voltar com mais coragem
 Vejo o sol tocando a ponta do pára-raio da cruz
 Elimino a ofensa do atrito
 Atravanco o portão da ventania
 Faço a caixa do mar ficar vazia
 Boto um teto no vão do infinito

Para dar o pão pra os filhos
 Que chegam magros da guerra
 O mensageiro do sonho
 Nesse terreno que treme
 Da magra mão estendida
 Da paixão que grita e geme
 Das curvas do firmamento
 Da claridade da lua
 Solidão do mundo novo
 A batucada da rua

O espetáculo não pode parar
 Quando a dor se aproxima
 Fazendo eu perder a calma
 Passo uma esponja de rima
 Nos ferimentos da alma

O espetáculo não pode parar
 Há certas coisas no mundo
 Que eu olho e fico surpreso
 Uma nuvem carregada
 Se sustentar com o peso
 E dentro de um bolo água
 Sair um corisco aceso

E o final da apresentação é caracterizada com a declamação do poema que retrata o homem diante do mundo, a contemplação das coisas, o sofrimento do corpo e da alma e o eterno recomeço da vida. Reveste-se toda a obra poética do espetáculo com metáforas e personificações que incluem nos versos fragmentos de manifestações diretamente ligadas a questões religiosas, como os Autos: *Santo é seu nome e seu Sorriso Raro, Eu Voava Alto por que Tinha um Grande Par de Asas, até que um Dia Cai*.

São trechos extraídos do *Alto da Paixão*, que é uma representação simbólica da morte de Cristo. Este tipo de representação teatral, de gênero dramático teve sua origem na Idade Média, tratando de assuntos religiosos ou profanos. Esta temática unida às influências da cultura indígena e africana tem grande evidência durante toda a apresentação fortalecendo o caráter sincrético do show que manifesta em alguns momentos questões que envolvem diferentes características ligadas a religiosidade, expressas nos versos que falam sobre Deus, e dos santos católicos como Nossa Senhora e São João e ao mesmo tempo citam entidades e personagens que povoam o universo ritualístico da umbanda como nos versos da música *Pisa na Umbanda* que assume as características de um *Ponto*. Os *Pontos* são

como chamados às entidades e Orixás, e como chamados, podem ser feitos de várias formas. Alguns são verdadeiras poesias e outros não possuem métrica e nem rima.

Pisana Umbanda

Quando a flor tava dormindo, vento veio me levar
 Prum terreiro iluminado, entre terra céu e mar
 Já que o mundo ta girando, eu também quero girar
 Gira negra dançadeira, olha a chuva de ganzá
 O truvao ficando rouco, também ja relampiou
 Preta velha atiça o fogo, que o trabalho começou
 Pai Tomás levanta a cuia, com inceso de fulor
 É a bença prometida, pra quem é merecedor
 êêê êêê Pisa na Umbanda
 êêê êêê Pisa na Umbanda
 êêê êêê Pisa na Umbanda

Essa produção cultural, desenvolvida pelo grupo Cordel do Fogo Encantado dentro da sua obra, representa toda uma abordagem que trata dos caminhos percorridos pelas grandes manifestações ligadas ao tradicional popular, situando-as no tempo e no espaço e permitindo perceber a sua evolução diante da modernidade.

Dessa forma, torna-se possível atestar que é errôneo estabelecer critérios de superação para evidenciar o atual momento da cultura popular que permanece presente e atuante, visto que as suas práticas, além de vivas, ainda ramificaram para outros meios.

Este processo de ramificação revela-se como fator de inclusão e deve-se ao fato de que todos os campos de ação da cultura atravessam um grande momento de globalização, momento este capaz de unir o tradicional e o contemporâneo, concebendo os meios necessários para contextualizar esta inovação fomentada através do espetáculo do grupo pernambucano pesquisado que promove, através da sua proposta, a singular comunhão entre teatro, música e poesia popular.

É extremamente necessário considerar os fatores que influenciam a formação do Cordel do Fogo Encantado e do seu espetáculo. A presença da cultura popular no show não representa um resgate, ela constitui a base através da qual desenvolvem-se as apresentações, atestando que as práticas culturais populares não são manifestações isoladas ou imutáveis.

Em suma, prioriza-se para fins considerativos a necessidade de questionar toda e qualquer forma de suplantação da cultura popular diante da sua inquestionável importância, relevando-se o fato de que suas práticas fazem parte do meio cultural contemporâneo, através do qual comprova-se a sua evolução e participação no processo que constitui um contexto sócio-cultural historicamente determinado, capaz de gerar grandes expoentes da arte, seja ela qual for. Desde de que se descartem as barreiras que formam alguns conceitos pré-determinados de maneira ultrapassada e se abra espaço para uma nova visão, capaz de conceber trabalhos culturais de singular originalidade como este grandioso espetáculo do grupo Cordel do Fogo Encantado.

REFERÊNCIAS

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura Popular no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Dp&A, 2004.

MISHA, Titiev. **Introdução à antropologia cultural**. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.

Sites consultados:

www.google.com.br

cordelelcantado.vilabol.uol.com.br/entrevista4/html

wezen.com.br/wezine/cordel.htm

www.cordeldofogoencantado.com.br

Revista consultada:

Cult: Revista Brasileira de Literatura. ano 5. n°54. Rio de Janeiro: Lemos Editorial, 2002.